

## **Glória Pires e Paulo Miklos estão juntos em *É Proibido Fumar*, comédia que rima romance, fumaça e ironia**

No novo filme de Anna Muylaert, que estreia no dia 4 de dezembro, fumante obsessiva encontra amor e a fatalidade no apartamento ao lado

Perto de fazer 40 anos, Baby vive só no apartamento que herdou da mãe, dando aulas de violão para alunos desinteressados, disputando com as irmãs cacarecos de família, e fumando um cigarro atrás do outro. Quando Max, músico que vive de tocar sambão em uma churrascaria, se muda para o apartamento vizinho, ela lembra que a vida pode ser mais interessante. Por amor, enfrentará uma luta desesperada contra o cigarro, sem saber que uma ameaça muito maior à sua felicidade a espera na esquina.

Uma virada que tempera com tons sombrios um roteiro romântico e cheio de ironia vai pegar de surpresa o público de *É Proibido Fumar*, segundo longa-metragem de Anna Muylaert, que chega aos cinemas dia 4 de dezembro, com distribuição da Playarte. A química do casal formado por Glória Pires e Paulo Miklos, o humor inteligente e uma trilha sonora que vai de Villa Lobos a samba rock se somam no novo filme da diretora de *Durval Discos* (2002), premiado sete vezes em Gramado, e co-roteirista de *O Ano em que meus pais saíram de férias*, de Cao Hamburger (2006).

Em *É Proibido Fumar*, ela volta a exercitar o sentido para a crônica e a comédia irônica, assim como a capacidade de surpreender o público com acontecimentos que mudam o rumo dos personagens e alteram o tom do filme. "A história vai indo dentro de um cotidiano e, de repente, tudo ganha um contorno mais sombrio", conta Glória Pires. "Essa reviravolta inesperada corta o clima leve da trajetória não só da Baby, mas do filme todo."

Com personagens totalmente desglamourizados, mas ainda assim cativantes, o filme fala de amor e solidão na cidade. "Tinha muita vontade de falar da dificuldade das relações, de como superar, quebrar, furar as paredes da relação", diz Anna. "Acho que por isso, também, a metáfora do prédio; os apartamentos como corpos, separados por paredes."

"Acho que o filme trata das grandes dificuldades da vida moderna", diz Glória Pires. "Às vezes, quanto mais perto das pessoas a gente está, mais difícil fica o contato. É a vida na metrópole, onde os espaços são delimitados, e os sentimentos têm que caber em determinadas situações".

***Do you like samba?***

***I like too***

***If you like the samba***

***I love you***

Marcelo Duran, *Do you like samba?*

Rodado em seis semanas em São Paulo, e fruto de um processo de desenvolvimento de roteiro que tomou seis anos, *É Proibido Fumar* tira partido do encontro inédito de Glória Pires, uma das atrizes brasileiras mais experimentadas pelo cinema e a TV, e Paulo Miklos, que começou sua carreira no cinema com uma premiada performance em *O Invasor* (2002), de Beto Brandt, e fez *Boleiros 2* (2006) e *Estômago* (2007).

A escolha de um não-ator para par de Glória foi uma tentativa de afastar do filme a identificação com uma estética audiovisual conhecida. "Testamos outros atores mas a mistura não tinha rock'n roll", diz a diretora.

Na TV desde os sete anos e no cinema desde os 19 – fez *Índia, a Filha do Sol*, em 1982 –, Glória pôs a serviço da criação de Baby uma concentração e um método próprio "impressionantes", segundo Anna. Também consultor

musical do filme, o Titã Paulo Miklos empresta a Max seu vasto repertório no campo da música. "Eu já fui muitos músicos diferentes", conta. "Tenho amigos músicos de todas as facções e, entre eles, tem sempre um Max."

***Adeus paris tropical, adeus brigite bardot  
o champanhe me fez mal, caviar já me enjoou  
simonal que estava certo, na razão do patropi,  
eu tambem que sou esperto vou viver no piauí!***

Juca Chaves, *Take Me Back To Piauí*

Em torno da dupla Max-Baby, move-se um elenco de talentos escolhidos a dedo para participações pequenas e precisas. Nos papéis das duas irmãs de Baby, o filme tem Marisa Orth, que contracena pela primeira vez com Glória Pires, e a atriz e diretora Dani Nefussi, que passou pelo Teatro da Vertigem e pelo CPT de Antunes Filho. A atriz e performer Alessandra Colassanti é Stellinha, ex-namorada de Max; e Antonio Edson, do Grupo Galpão de teatro, dá densidade a um personagem que irá se tornar fundamental na trama: o porteiro Chico.

Estruturado segundo um esquema tradicional de roteiro, *É Proibido Fumar* busca ritmo e constrói sua personalidade com sutilezas. "Há coisas que não necessariamente serão percebidas, como a relação entre o desenrolar da trama e a história de Baby com o cigarro, ou a forma como o figurino dela, inteiro comprado em brechós, vai mudando à medida em que ela se aproxima do Max, de roupa de vovó para uma coisa mais rock", diz Anna.

Uma graça extra, as participações especiais ajudam a compor a crônica do universo dos personagens. Antônio Abujamra, que faz o síndico do prédio de Baby, contracena com o filho André e o neto José; Paulo Cesar Pereio é o dono da churrascaria onde Max toca; Marcelo Mansfield e Etty Fraser têm micro-esquetes no elevador; a atriz e diretora de casting Paula Pretta vive a

manicure que dá conselhos de beleza a Baby; Theo Werneck e o rapper Thogun surgem numa jam caseira com Max; e Pitty e Lourenço Mutarelli protagonizam uma hilária sátira à visita imobiliária.

***Canta canta minha gente***

***Deixa a tristeza pra lá***

***Canta forte, canta alto***

***Que a vida vai melhorar***

Martinho da Vila, *Canta Canta Minha Gente*

A garimpagem musical que resulta na trilha de *É Proibido Fumar* é uma atração à parte. A música do filme tem duas vertentes. Os *Estudos para Violão* de Heitor Villa Lobos, tema de Baby, dominam as sequências iniciais. À medida que Max entra na vida da personagem, surge o ritmo contagiante de faixas esquecidas dos anos 60/70, na confluência do pop e do samba, assinadas por nomes como Bola Sete, Juca Chaves e Jorge Ben. No final, *Do you Like Samba?*, de Cyro Aguiar, compõe um comentário irônico ao inesperado desfecho da história.

Para Anna Muylaert, o filme tem uma história simples, contada de modo particular. Mais comercial que *Durval Discos*, não deixa de oferecer diferentes possibilidades de interpretação, no final. "É um pouco o que acontecia com os filmes que eu ia ver na Praça Roosevelt na adolescência. *É Proibido Fumar* é um filme mais aberto do que a média do que se faz hoje", diz.

## **Sinopse**

Sozinha no apartamento que herdou da mãe, Baby vive entre intrigas com as irmãs e as aulas de violão que dá para meia dúzia de alunos desinteressados. O cigarro é sua melhor companhia. Quando o músico Max se muda para o apartamento vizinho, ela vê sua chance de voltar à vida. Para fazer vingar o romance inesperado, enfrentará qualquer ameaça. Vai descobrir que o cigarro é o primeiro, mas não o maior de seus inimigos.

### **A diretora**

Roteirista e diretora de cinema e TV, **Anna Muylaert** é formada em cinema pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Seu primeiro longa-metragem, *Durval Discos* (2003), foi premiado em festivais nacionais e internacionais, incluindo o 30º Festival de Cinema de Gramado, do qual saiu com os Kikitos de melhor filme (júri oficial, popular e crítica), melhor direção de arte e de fotografia e melhor roteiro e direção. Dirigiu curtas premiados, como *A Origem dos Bebês Segundo Kiki Cavalcanti* (1995). Como roteirista, participou da criação dos programas *Mundo da Lua* (TV Cultura, 1991), *Castelo Ratimbum* (TV Cultura, 1995), *Disney Club* (SBT, 1998) e *Um Menino Muito Maluquinho* (TVE/RJ, 2006), Prêmio NHK2007. Foi co-roteirista da primeira temporada da série *Filhos do Carnaval* (HBO, 2006) e do filme *O Ano que Meus Pais Saíram de Férias* (2006), ambos dirigidos por Cao Hamburger. Depois de *É Proibido Fumar*, escreveu e dirigiu o telefilme *Para aceitá-la, continue na linha*.

### **"Queria falar da dificuldade das relações"**

#### **Entrevista com Anna Muylaert**

#### **Onde começa a história de *É Proibido Fumar*?**

Ainda na época do *Durval Discos*, surgiu a ideia de fazer um filme com poucas locações, poucos personagens, que lidasse com a questão do “tempo morto”, ou seja, uma história em que coubessem cenas que não fazem exatamente parte da narrativa. Num primeiro momento, o roteiro era uma trama *multiplot* localizada num prédio. Havia uma relação entre vizinhos. E tinha o cigarro. Foi na época em que eu estava parando de fumar, e percebi o deslocamento que o cigarro causa: quando ele sai da jogada, outros problemas aparecem.

### **Como foi o desenvolvimento do roteiro?**

Foi um processo de sete anos. Em 2006, participei do laboratório Sesc Rio de Roteiros para Cinema, o antigo Sundance, que é uma coisa muito legal. Você passa quatro dias discutindo o roteiro com especialistas de várias partes do mundo, e cada um fala sobre uma coisa específica: estrutura, personagens, diálogo. Entre esses consultores, um belga, o Chris Caps, me apresentou um modelo clássico, quase matemático, de estruturação da trama, com número de atos, cenas e sequências, e duração de cenas, tudo determinado. É um princípio que garante o ritmo e deixa muito claros todos os pontos principais. Isso mudou completamente minha visão desse trabalho. Saí do laboratório sem roteiro, que joguei fora, mas com o filme completamente reestruturado.

### **Quem são Baby, Max, os personagens de *É Proibido Fumar*?**

São pessoas paradas no tempo. Acho que todo mundo tem uma parcela assim, meio infantilóide, presa ao passado, à infância, à mãe; e isso tem a ver com obsessão, que por sua vez tem a ver com o cigarro. Meus personagens são meio abandonadas, fora da ideia que temos de sucesso. São bem classe-média. Vivem numa era pré-yuppie – e nesse caso, o yuppie é representado pela personagem da Marisa Orth, que fala inglês e gastou o dinheiro da herança para estudar – , quando a noção de “dar certo” não era tão valorizada. São pessoas desajustadas; não são desse tempo.

### **Qual é a grande questão do filme, para você?**

No roteiro tinha uma frase de Santo Agostinho que é assim: eu sei que horas são, mas se me perguntam que horas são, não sei que horas são. Tinha muita vontade de falar da dificuldade das relações; de como superar, quebrar, furar as paredes da relação. Por isso, também, a metáfora do prédio; os apartamentos como corpos, separados por paredes. E tem outras questões relacionadas. O desejo, que, realizado, já não é mais a mesma coisa; os sentimentos que se tornam obsessivos e alteram os personagens.

### ***Durval Discos* tem tintas mais surrealistas. Aqui, qual tom você buscou para a história?**

Esse filme é todo sutil. É uma trama de cores mais pastéis, cheia de sutilezas, coisas que podem ou não ser percebidas. O cigarro, por exemplo, que move toda a história, mas discretamente. O figurino da Glória, todo de brechó, que começa com cara de roupa de vovó e vai ficando cada vez mais rock n' roll, na medida que ela conhece o Max. Acho que é um tipo de filme que não existe muito no Brasil. É um pouco acima da realidade, levemente exagerado; e é aí que mora seu humor e cinismo. Não é uma comédia rasgada, nem realismo total, que são os tipos mais freqüentes de filmes produzidos aqui. Em relação ao *Durval*, é mais realista, mais popular, mais comercial; e tem mais ritmo.

### **Como você chegou ao par central do filme?**

Conversamos com algumas pessoas, inclusive a Glória, que demorou cinco meses para responder e decidiu fazer. Achar o par dela foi complicado. Queria um ator que fosse de uma praia diferente, porque achava que isso geraria mais eletricidade. Testei alguns atores excelentes, mas não tinha graça, não tinha rock'n roll na mistura. Achava que o Max tinha que ter algo selvagem, de *bad boy*. Então fiz um teste com o Paulo e gostei muito. Antes de filmar,

alugamos um apartamento e em dois dias passamos o roteiro, usando duas câmeras. Nesse *demo filme*, ficou claro que o Paulo era o Max. Ele mostrou uma virilidade, uma força, e, ao mesmo tempo, um lado muito doce.

### **Os outros atores do elenco fazem participações pequenas, mas marcantes. Quem são esses atores e quem os reuniu?**

Trabalhei com a Patrícia Faria, uma diretora de casting que tem uma sensibilidade muito especial. As irmãs da Baby são a Marisa Orth, que pela primeira vez contracenou com a Glória Pires, apesar de serem ambas grandes atrizes, e contemporâneas; e a Dani Nefussi, que trabalhou com o Teatro da Vertigem e o Antunes Filho. No papel da Stellinha, ex-namorada do Max, tem a Alessandra Colassanti, atriz, autora de peças, performer. O porteiro, que é um papel importante, é o Antonio Edson, um talento do Galpão. Dona Guida é a Lili Angel, atriz nonagenária do Teatro da Hebraica, que a Patrícia descobriu pesquisando o elenco para *O Ano em que meus pais saíram de férias*. É um elenco de primeiríssima.

### **Antônio, André e José Abujamra, Paulo Cesar Pereio, Marcelo Mansfield, Pitty, Lourenço Mutarelli, ETTY Frazer, Paula Pretta, Thogun, Theo Werneck. Qual é o papel das participações especiais no filme?**

Elas entram nessa ideia de "tempo morto", das cenas que não servem à trama, mas ajudam a criar a personalidade do filme. Eu dizia para a Patrícia que era como se eles fossem parte do cenário: entram para enfeitar, como elementos; são uma graça. Ajudam a compor um cenário humano.

### **Como foi trabalhar com a Glória Pires?**

A Glória é impressionante: vai fazendo cena a cena, tem método próprio; ela não constrói, ela acessa o personagem. Ela se joga. Sua atenção e

concentração são incríveis. Ela chegava no set e dizia: “Mas o que essa chave está fazendo aqui? Ontem não tinha nada disso”. Ela conhece tudo, método, luz, plano. É focada. E adorou improvisar. Trouxe muita coisa para a Baby. Principalmente uma visão mais amorosa da personagem, que eu não tinha. Minha visão da Baby, assim como do Max, era muito irônica. Essa foi uma grande contribuição da Glória, e também do Paulo.

**De novo, como em *Durval Discos*, a música tem um papel central na trama e na vida dos personagens. De onde vem isso?**

O negócio da Baby dar aula de violão é algo que tem a ver com a minha infância. Minha mãe dava aula de violão, e a gente ficava exilada no resto da casa quando ela tinha aluno. Não podia entrar na sala. Quem dá aula de violão vive uma coisa assim: dos alunos, 1%, se muito, estão levando aquilo a sério e vão virar músicos. Então é meio frustrante. E o Max também tem uma ligação frustrada com a música, uma nostalgia meio melancólica; ele acha que bom era nos anos 1970. A gente conhece muito músico como o Max; a realidade da música, com poucas exceções, é mesmo triste.

**O papel da música no filme se estende à trilha, com resgates de músicas esquecidas, Villa Lobos e samba rock. Como chegou a ela?**

Tive alguns consultores: Pena Schmidt, Maurício Pereira e Paulo Miklos, que fez achados sensacionais. Coisas perdidas dos anos 60/70, na confluência do pop e do samba: Bola Sete, Lee Jackson, Juca Chaves. Já na montagem, cheguei aos *Estudos para Violão* do Villa Lobos, maravilhosos para criar estados, cenas. O ritmo é o Max; e a melodia, a Baby. A música ajuda a contar a história: no início, há o Villa Lobos, que representa o sonho de uma música elevada. O Max traz o pop para a trama. E os sambas subestimados não deixam de evocar uma necessidade que o amor nos coloca: descer do pedestal, ficar mais popular. No final, tudo acaba em *Do you Like Samba?*, do

Cyro Aguiar, que diz muito sobre o acerto final entre os personagens, também.

**A trilha foi um investimento grande e se configura como uma atração à parte. Isso é tendência num certo tipo de cinema?**

No meu caso, o amor pela música vem da infância. Queria fazer música. Fazer cinema é fazer música, de certa forma; cinema é uma sinfonia complexa, com tempo, ritmo, pistas. A tendência de os cineastas remexerem no baú para resgatar coisas esquecidas e dar a elas um enquadramento à altura de sua grandiosidade é geracional. Somos da geração que começou a cultuar o pop.

**Que tipo de reação o filme tem suscitado no público, nos testes?**

Nas mostras-teste que fizemos em Brasília e Curitiba, o público riu muito. E é interessante que mulheres e homens têm percepções muito diferentes. As mulheres focam mais na história de amor, no simbólico. Já os homens pegam pelo lado policial da trama. E há muitas interpretações para o final. É um pouco o que acontecia com os filmes que eu ia ver na Praça Roosevelt na adolescência. Os filmes que eu achava bons eram mais abertos. Como *Durval*, *EPF* é um filme mais aberto do que a média do que se faz hoje.

**"Baby é uma solitária"**

**Glória Pires fala de *É Proibido Fumar***

**O que te fez decidir por esse projeto?**

O roteiro veio de encontro com uma vontade minha de ousar, de fazer coisas inesperadas. E a Baby me encantou. Ela tem o estilo da Anna, que é difícil definir, mas me agrada muito. Os personagens são desconstruídos; nós os conhecemos na intimidade. Eu adoro o *Durval Discos*. Tenho uma atração especial por projetos e artistas que a gente não consegue catalogar.

### **Como você descreve a Baby?**

É uma solitária. A vidinha dela é limitada às aulas, ao apartamento; seu universo é aquilo. Ela não se refugia por opção, mas para escapar das coisas às quais não se adequou, como crescer, aprender. O desejo dela está pouco ligado à realidade. Ela é profundamente carente, e o Max vem causar uma verdadeira revolução na vida dela. Conheço algumas e *alguns* Babys.

### **EPF é uma comédia, mas com um tom negro. Como vê isso?**

O que é muito legal é que o filme tem um clima leve, inocente, a história anda dentro de um cotidiano; e, de repente, tudo ganha um contorno mais sombrio. Essa reviravolta é inesperada, muda a trajetória do filme todo. Não sei se só eu senti isso, mas a todo o momento eu tinha aquela sensação de “isso vai dar merda!”. O filme cria a expectativa de que algo vai acontecer.

### **Como foi improvisar sobre os diálogos e as cenas?**

A Anna deu toda a liberdade para a gente improvisar, mas dentro de um limite bem desenhado do que queria. Criamos algumas coisas, detalhes, frases. Eu me lembro de sugerir, por exemplo, que a Baby vestisse um pijama depois da cena do crime. Ela põe o pijama e fica lá no apartamento esperando alguma coisa acontecer. Achei que isso demonstrava a falta de ação da personagem.

### **Como foi contracenar com um não-ator?**

Trabalhar com o Paulo foi ótimo; não senti nenhum empecilho, de nenhuma natureza. Ele é muito dedicado, uma pessoa extremamente doce; consegue ser muito engraçado mas muito sério também. Fiquei encantada com ele.

### **Sobre o que você acha que o filme trata?**

Acho que o filme trata das grandes dificuldades da vida moderna. Fala do individualismo, do medo da troca, de solidão. Do nosso tempo, quando a comunicação é tão acessível e, ao mesmo tempo, a comunicação verdadeira é tão difícil, tão falha. Às vezes, quanto mais perto das pessoas a gente está, mais difícil fica o contato. É a vida na metrópole, onde os espaços são delimitados, e os sentimentos têm de caber em determinadas situações.

### **"O Max somos todos nós"**

#### **Paulo Miklos fala do filme e de seu personagem**

#### **O que o atraiu no projeto de *É Proibido Fumar*?**

Acompanho o trabalho da Anna desde o início, e gosto muito do *Durval Discos*, que também trata de música. Quando ela falou do *EPF*, senti logo que tinha alguma coisa para dar: além do trabalho como ator, meu *background* de músico. Já fui muitos músicos diferentes, toco muito instrumento, gosto de vários estilos, essa é a maneira como encaro a música. Tenho amigos músicos de todas as facções e, entre eles, tem sempre um Max.

### **E quem é o Max?**

O Max somos todos nós. É aquela coisa de se fazer mais ou menos o que se quer. Tenho muitos amigos como ele, não só músicos. Amigos que tinham planos mirabolantes, ambiciosos, mas que estão sempre a meio caminho deles. Há uma falta de glamour que ronda os personagens do filme e dá a brecha para que eles sejam mais humanos, patéticos, neuróticos. Acho que a Anna trabalha em cima de uma situação que é o que você faz quando não ninguém está olhando. Não é a ação que interessa, mas os momentos pequenos da existência.

### **Você fez o *Invasor*, *Boleiros 2* e *Estômago*. Sendo músico originalmente, como é atuar e como é contracenar com alguém do peso da Glória?**

Interpretar é sempre sofrido, mas também destemido. A coragem de se lançar é primordial. Se você tem um pé atrás, ele vai fazer falta. Procuro ler tudo sobre interpretação. Contracenar com a Glória foi um barato. Eu tinha uma expectativa muito grande sobre como ela veria isso. Mas a Glória foi ótima. Foi muito generoso ela ter me tomado como um colega, um ator, tendo a experiência que tem. Foi uma maravilha contracenar com a Glória, assim como tocar com os caras do Quinteto Preto e Branco, bambas do samba, na churrascaria. Na hora de filmar essa cena, pensei: “Nesse momento, estou arriscando os dois lados da minha carreira!”

### **O figurino do Max foi construído com base no seu guarda-roupa. É verdade que isso mudou seu jeito de se vestir?**

O pessoal do figurino me pediu para trazer umas peças minhas, de um universo meio rocker, meio hippie. Comecei a levar umas roupas bem de

roqueiro. Aí, de repente, percebi que era eu andando em cena; e o Max pode parecer próximo de mim, mas não é. Então olhei meu armário e pensei: “Não posso nem pensar em continuar usando isso!” Comprei um guarda-roupa totalmente diferente. Tive que inventar um novo eu: comprei camisas, um paletó, sapato novo. No final das filmagens, estava na maior estica.

### **Qual foi sua maior contribuição para a construção do Max?**

Acho que levei para o Max a sedução sem malícia, uma doçura. Talvez fossem coisas que já estavam no roteiro, mas não eram tão explícitas. Talvez o Max inicial fosse mais canalha. E acho que essa doçura que propus explica um pouco o final. A impressão que fica é, poxa, esse cara merece um voto. Esse é o *happy end* da história.

### **Como foi a criação da trilha?**

Foi meio em cima do personagem: o Max queria ser roqueiro, mas gosta mesmo é de um bom samba. Ele reclama, mas toca sambão há uns trinta anos. Então, fui para um lado samba rock. Achei a música *Do You Like Samba*, de Cyro Aguiar, que é genial porque fala exatamente de gostar ou não de samba. E tem uma coisa forte do samba como “identidade nacional”. Não procurei um recorte histórico definido, apesar do Max falar muito dos anos 70. Mas acabei caindo nas canções dessa década.

### **No Fundo, do que você acha que *É Proibido Fumar* fala?**

É um filme romântico. Fala dos ajustes que cada relação romântica exige, de aceitar o próximo. É sobre uma paixão real: nessa idade, nessa cidade, e a essa altura da vida. A gente tende a achar que as pessoas vão ficando nas histórias apenas por acomodação. Mas essa é a grande paixão: a história de amor possível.

## **Créditos**

### **Equipe**

Roteiro e Direção - Anna Muylaert

Produtoras - Sara Silveira, Maria Ionescu, Anna Muylaert

Produção Executiva - Maria Ionescu

Direção de Fotografia – Jacob Solitrenick

Direção de Arte - Ana Mara Abreu

Figurinos - Mariza Guimarães

Direção de Produção - Josmar Bueno Junior

Preparação de Elenco - Luiz Montes

Produção de Elenco - Patricia Faria

1ª Assistente de Direção - Julia Jordão

Visagismo - Marcos Freire

Montagem - Paulo Sacramento

Edição de Som – Miriam Biderman e Ricardo Reis

Produção de Finalização – Camila Dipold

Cartaz/ Arte - Marcelo Pallota

Mixagem – Zé Luiz Sasso

### **Elenco**

Glória Pires é Baby

Paulo Miklos é Max

Alessandra Colassanti é Stellinha

Dani Nefussi é Teca

Marisa Orth é Pop

Henrique Silveira é Lito

Lili Angel é Dona Guida

### **Participações Especiais**

Pitty - Mikaela

Antonio Abujamra – Pepe

André Abujamra – Pablo

José Abujamra - Diego

Thogun – Bateirista

Theo Werneck - Tuco

Paulo César Pereio – Zé Tadeu

Lourenço Mutarelli – Corretor imobiliário

Marcelo Mansfield – Paulo

Rafael Raposo - João Francisco

Lucas Machado Candeias - Paulinho

Paula Pretta - Vanilda

Emerson Danesi - Suzuki

Magnu Souza – Edmilson

Maurílio de Oliveira - Dionísio

Dulce Muniz – Lena

Ana Carolina Oliveira - Luana

Vitória Zimmermann - Clara

Joana Arruda Botelho – Raissa

### **PATROCINADORES**

O filme “É Proibido Fumar” foi realizado, graças ao patrocínio e apoio das empresas e instituições abaixo citadas, que acreditaram no nosso projeto:

PETROBRAS, através Programa Petrobras Cultural.

ANCINE / MINISTÉRIO DA CULTURA / GOVERNO FEDERAL

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO GOVERNO DE SÃO PAULO,  
através do Programa ProAc e Programa de Fomento ao Cinema Paulista.

SABESP

NOSSA CAIXA

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DA CIDADE SÃO PAULO /  
PREFEITURA DE SÃO PAULO

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA

SECRETARIA DE CULTURA DE PAULÍNIA

POLO CINEMATOGRAFICO DE PAULÍNIA

ESTRE AMBIENTAL

INTRA CORRETORA